



Geraldo Pereira

*Bebel Gilberto
Pedrinho Rodrigues*

ACERVO FUNARTE
DA MÚSICA BRASILEIRA

Presidente da República Federativa do Brasil - Fernando Henrique Cardoso
Ministro de Estado da Cultura - Francisco Corrêa Weffort
Secretário de Apoio à Cultura do Ministério da Cultura - José Álvaro Moisés
Presidente da Fundação Nacional de Arte (Funarte) - Márcio Souza
Diretor do Departamento de Ação Cultural da Funarte - Gilberto Vilar de Carvalho
Coordenadora de Música da Funarte - Valéria Ribeiro Peixoto
Presidente da Associação de Amigos da Funarte - Arnaldo Niskier



Geraldo Pereira

*Bebel Gilberto
Pedrinho Rodrigues*

Esse disco é uma homenagem a Geraldo Pereira, um mineiro de Juiz de Fora criado no morro da Mangueira. Malandro, valentão, mulherengo e principalmente excelente sambista (bastaria citar o conhecidíssimo *Falsa baiana*), Geraldo Pereira foi um verdadeiro cronista dos morros, dos subúrbios e da vida boêmia do Rio de Janeiro dos anos 40 e 50. Como diz o pesquisador Jairo Severiano, ele ocupou lugar "de destaque no processo de evolução do samba através da valorização das síncopas e do emprego de determinadas resoluções harmônicas inusitadas nas composições da época". Nessa linha está *Bolinha de papel*, música gravada por João Gilberto nos primórdios da Bossa Nova. Gravado em dezembro de 1983 - para ser lançado juntamente com o livro *Um certo Geraldo Pereira*, de Francisco Duarte Silva, Dulcinéia Nunes Gomes, Alice Duarte Silva de Campos e Nelson Matos, vencedor do concurso de monografia (Projeto Lúcio Rangel) sobre a vida e obra de Geraldo Pereira, foi o sétimo álbum fonográfico realizado pelo Projeto Almirante. Agora, ao ser relançado em CD, constitui-se também uma homenagem ao cantor Pedrinho Rodrigues - seu intérprete ao lado de Bebel Gilberto, falecido em junho de 1996.

A OBRA EM 23 COMPOSIÇÕES

O meu primeiro contato com a obra de Geraldo Pereira foi ouvindo os *Calouros do Ary Barroso*, na década de 50, na Rádio Tupi do Rio de Janeiro. Eu morava em Madureira e naquela época o rádio era a distração predileta de todos. Ninguém perdia o programa do Ary. Quando ia para o ar, quem não estivesse com ele ligado ouvia pelo aparelho do vizinho e ao perceber, pelas gongadas, que estava sendo transmitido, procurava sintonizar a caixa de conversa para não perder os comentários quase sempre irônicos do célebre apresentador. Os bons sambistas, calouros, cantavam com frequência sambas do Geraldo, principalmente *Escurinho* e *Falsa Baiana*. A divisão diferente, maliciosa, me chamava a atenção e uma batucada de leve, em cima da mesa ou do que estivesse por perto, acontecia anonimamente naquelas noites suburbanas da infância.

Mais tarde, ao conhecer Ciro Monteiro (produzi um disco com ele em dupla com Jorge Veiga), ficamos amigos. Quem não era amigo do Formigão? Durante as nossas conversas ouvi muitas histórias e músicas do Geraldo. Grande companheiro e intérprete do compositor, Ciro nunca deixava de falar sobre o "neguinho danado" que tanto admirava. Foram horas e horas de conversa e aprendizado.

Quando João Gilberto gravou *Bolinha de papel* acompanhado por Walter Wanderley e seu conjunto, me pareceu um coisa muito forte, principalmente pelas resoluções harmônicas que apresentava, destacando com veemência o fraseado melódico, rico

em acentuações, divisão e molejo, marca indiscutível de Geraldo Pereira. Para os músicos, eu diria que a agradável gravação valorizou o samba porque João usou com inteligência os acordes do primeiro e quinto grau, agregados com dissonâncias leves evitando os uníssonos e oitavas que empobrecem a harmonia. Para os que tocam violão "de ouvido" poderemos dizer que as "primeiras, segundas, terceiras e preparações" foram levemente enriquecidas, com um dedo a mais ou a menos.

Em 1974, o compositor Nelson Sargento (que conviveu com Geraldo e sabe quase todos os seus sambas) me fez uma visita para mostrar seus recentes trabalhos (sambas e pinturas). Gravei o material e, abusando da nossa amizade, pedi que cantasse para mim alguma coisa de Geraldo Pereira. Nelson me encantou com uns vinte sambas, alguns desconhecidos e outros de sucesso. Essa fita eu guardei e sempre que posso ouço-a com admiração e respeito.

Novembro de 1983. O telefone tocou. Hermínio Bello de Carvalho me pedia que produzisse um disco para a Funarte. Recusei alegando stress. O poeta sorriu e disse: "Geraldo Pereira..." Fiquei bom na hora!

Procurei o Francisco Duarte, um dos autores da monografia sobre o sambista. Almoçamos juntos uma comida caseira e tomando uma coisinha amiga ele me deu muitas dicas importantes para que eu pudesse escolher com equilíbrio o repertório do disco. Adotei o critério de agrupar sambas afins, da seguinte maneira:

- 1 *Ginga da cabrocha* (sambas na linha do *Falsa baiana*)
- 2 *Carnaval do Geraldo Pereira*
- 3 *Escurinha - Escurinho*
- 4 *Dedicados à Isabel*
- 5 *Sucessos*
- 6 *Baile*
- 7 *Sociais*

Ao escrever as orquestrações, preferi caminhos simples, sempre influenciados pelo som das orquestras de gafieira dos bailes da meninice, optando por escalas melódicas brasileiras. Na parte harmônica, procurei valorizar os baixos, caminhando com eles sempre que possível, evitando a coincidência com o canto, buscando assim obter enriquecimento sem descaracterizar as obras. Os chorões brasileiros, mestres autodidatas, sempre seguiram nessa pisada. Daí o uso freqüente dos intervalos de terças e sextas nos contrapontos populares do nosso cancionário. Pedrinho Rodrigues e Bebel, admiradores de Geraldo Pereira, se entregaram ao trabalho com total dedicação, conseguindo assim interpretações impregnadas de emoção e carioquismo

GENIAL MAS TURBULENTO PAGODEIRO

Geraldo Teodoro Pereira, um "genial mas turbulento pagodeiro", foi compositor, cantor e sambista, num tempo em que (anos 40 e 50) essas palavras tinham significado mais real. Do artista popular puro que foi, somente a face do compositor genial é mostrada nesse disco. O sambista e o cantor de rádio estão no topo da pesquisa (um pacote de disco e livro) que estuda detalhadamente o mito e realidade do negro mineiro (nascido em Juiz de Fora em 23 de abril de 1918) que veio para o Rio de Janeiro (1931) ainda criança e aqui se cariquizou crescendo entre os bambas dos morros de Santo Antônio e da Mangueira.

Seu aprendizado de vida (como operário de fábricas e funcionário público) e música (aprendendo violão e samba com Aluisio do Violão, Alfredo Português e outros) o fez sonhar desde cedo com o estrelato fácil do rádio, veículo máximo de comunicação do tempo e estrada de ascensão social que ele buscou, trilhando (desde 1939) os caminhos da música composta e gravada. A realidade dura da vida diária de favelado, ele a enfrentava com sua habilidade nata de fazer sambas, particularmente o chamado samba de morro, que ele produzia e no qual viria a ser o marco mais alto do samba sincopado, prenúncio quase da Bossa Nova que alguns anos depois (1958) seria criada na Zona Sul.

Geraldo Pereira (GTP na pesquisa) tinha apenas um curso primário, mas muita vontade de vencer que, unida à vivência intensa e capacidade de observação criativa, fez dele o compositor que mais de perto estampou a realidade cotidiana do carioca sem dinheiro e dançador daqueles anos de guerra e paz que marcaram o início da ditadura Getulista e o fim do governo democrático do mesmo Vargas. A partir de 1934, GTP foi componente e compositor da Escola de Samba Unidos da Mangueira, grupamento musical e desfilante que disputava a primazia do morro e do samba com a famosa Estação Primeira, de Cartola, Carlos Cachapa, Pimenta, dos quais GTP era amigo e discípulo. Em 1938, deixou sua escola e foi para a Mangueira, na qual permaneceu como sambista participante até sua morte em 1955. Foram apenas 37 anos de vida tumultuada, em que o machismo mineiro predominou sempre sobre o homem sensível que ele era e que o arrastou para uma vida íntima desorganizada. Colecionou mulheres e brigas domésticas por toda a vida. Externamente, em particular no fim da existência, adquiriu fama de valente e brigão, malandro capaz de enfrentar magotes de guardas e bambas, dando pernadas e rodopiando, na vida e no samba, pelos bairros de São Cristóvão, Engenho de Dentro, Cruz Vermelha, Centro e Lapa, onde morou. Por causa de mulheres e desavenças amorosas (tema de 67 das 77 músicas que deixou gravadas), ele casou cedo e contra sua vontade com Eulíria Salustiano, com a qual nunca viveu, mas com quem teve um filho (seu único filho) em 1945. Viveu, sim, com diversas outras,

antes de conhecer Isabel (Isabelinha da Muda, Isabel do Geraldo, Isabel, a Redentora/Pecadora), que foi por seis anos (de 1944 a 1950) o grande amor de sua vida. E também o maior problema, pois o temperamento turbulento de ambos os fez viver uma vida de sentimentos extremados (muito amor e muita pancada), que acabou por destruir a paixão que os unia.

Com altos e baixos e mais "irmãzinhas" (como Nazareth, que se seguiu a Isabel), GTP cresceu na música e no rádio (chegou a fazer shows em boites de São Paulo e ser contratado exclusivo da Rádio Club como cantor), ao mesmo tempo em que se desorganizava moral e fisicamente, numa vida boêmia e desregrada, nas noites da Lapa e bares, gafieiras e *dancings* do Centro, em seqüências intermináveis de brigas com desafetos e bebedeiras acumuladas. Minado em sua resistência orgânica, o desfecho trágico veio a 8 de maio de 1955. Conta a lenda que Geraldo Pereira morreu vitimado por um soco (um soco só) desfechado pelo malandro e homossexual Madame Satã, dentro do bar A Capela, na Lapa. Na realidade, Geraldo Pereira morreu por outros motivos, o livro conta. Mas o mito do malandro sambista permanece na cabeça do povo e nas páginas lindas e consagradas como *Falsa baiana*, *Pisei num despacho*, *Chegou a bonitona*, *Que samba bom*, *Pedro do Pedregulho*, *Sem compromisso*, *Abaixo de Deus*, *Escurinha*, *Ministério da Economia* ou *Escurinho* (algumas das quais o disco mostra num esplêndido trabalho de Rildo Hora, orientando Pedrinho Rodrigues e marcando a estréia da cantora Bebel). Nosso trabalho de pesquisa teve o texto sob minha orientação e a colaboração de Alice Duarte de Campos, Dulcinéia Nunes Gomes e do sambista (amigo em vida de GTP) e compositor Nelson Sargento.

Francisco Duarte Silva

Co-autor do livro *Um certo Geraldo Pereira*, vencedor do Projeto Lúcio Rangel, 1981, edição Funarte, 1984.

UM NOVO GERALDO

1. Conta Roberto Paiva que, por ocasião da gravação do samba *Se você sair chorando*, em 1939, o orchestrador Pixinguinha se declarou surpreso com a originalidade da melodia.

Se você sair chorando era a primeira composição gravada de Geraldo Teodoro Pereira, um crioulo nascido em Juiz de Fora e criado no morro carioca da Mangueira. Nele já apareciam bem definidas as características que levariam seu autor a ocupar um lugar de destaque no processo de evolução do samba: a valorização

das síncopas e o emprego de determinadas resoluções harmônicas, inusitadas nas composições da época.

Mas o talento de Geraldo Pereira não se restringia à criação musical. Ele era também um excelente letrista, um cronista do meio onde viveu, os subúrbios e morros do Rio de Janeiro.

A reunião desses fatores resultaram na construção de uma obra de estilo personalíssimo, o "estilo Geraldo Pereira", de fácil identificação, mesmo numa pequena amostragem de seu repertório.

Geraldo morreu aos 37 anos e deixou 77 composições, das quais cerca de 90% são sambas sincopados. Elas foram lançadas em disco no período de 1939 a 1955 (exceto o samba *Vai*, gravado em 1961) e tiveram como intérpretes mais assíduos o próprio autor e Ciro Monteiro.

Esse CD mostra uma síntese da obra do grande sambista. São 23 composições, agrupadas por temas em sete blocos. Para gravá-las, Rildo Hora - arranjador e produtor do disco - escolheu a jovem Bebel (filha de Miúcha e João Gilberto) e o veterano Pedrinho Rodrigues, uma dupla dotada de muito senso rítmico, requisito indispensável para uma boa interpretação do repertório do homenageado.

2. No bloco 1, a ginga da cabrocha é focalizada em três sambas bem sacudidos. - em *Quando ela samba* a moça rodopia com sua saia verde e amarela, deixando todo mundo louco para sambar com ela. As cores da saia da dançarina e os versos "quando a vejo sambando, me sinto mais brasileiro" dão ênfase ao caráter de brasilidade da cena:

- Já com a *Falsa baiana* acontece o contrário, porque "ela só fica parada, não canta e nem samba", enfim, não tem competência para fazer como a autêntica "que mexe, remexe e deixa a moçada com água na boca...". Esse samba, protótipo do "estilo Geraldo Pereira", é seu maior sucesso e possui dezenas de gravações (Ciro Monteiro, Gal Costa, Nora Ney, Clementina de Jesus, Risadinha, Jair Rodrigues, Roberto Silva, João Gilberto, o saxofonista Stan Getz, etc.):

- em *Mais um milagre*, o compositor conta o reencontro com a mulher amada, que já não sambava mais para ele. Sendo a musa uma baiana, o milagre da volta é, muito justamente, atribuído ao Senhor do Bonfim.

Quando ela samba e *Falsa baiana* foram lançados por Ciro Monteiro em 1941 e 1944, e *Mais um milagre*, pelo autor em 1945. A interpretação de Bebel, bem à vontade num repertório composto muitos anos antes de ela nascer, mostra a atemporalidade da obra de Geraldo Pereira.

3. O bloco 2 apresenta músicas de carnaval

- *Que samba bom*, único grande sucesso carnavalesco do compositor, é um convite à participação em um certo "samba" (no caso baile) em que há "muita bebida" e até "mulher sobrando" pros "trouxas se arrumarem";

- em *Até quarta-feira*, o protagonista despede-se da companheira para brincar o carnaval, pedindo sua compreensão: "Tenha paciência, sou eu que marco a cadência, se eu faltar, fico mal com o pessoal";

- *Boca rica* repete a situação de *Que samba bom*, só que agora, além de bebida, há "comida pra noite inteira" e "mulheres fantasiadas de baiana" (uma fixação de Geraldo) "com barriguiinhas de fora";

- encerra o agrupamento *Vai, que depois eu vou*, cujo título é uma ordem do folião à sua parceira (talvez aquela falsa baiana...) "que não brinca, nem deixa a gente brincar". Geraldo não compunha muito para o carnaval, preferindo dedicar a melhor parte de sua produção à chamada música de meio de ano.

Que samba bom (1949), *Até quarta-feira* (1943), *Boca rica* (1950) e *Vai, que depois eu vou* (1946) foram lançados, respectivamente, por Blecaute, Ciro Monteiro, Emilinha Borba e Anjos do Inferno.

4. O bloco 3 é formado por *Escurinha* e *Escurinho*. Dois dos melhores sambas de Geraldo Pereira:

- no primeiro, um apaixonado da Escurinha faz-lhe uma tentadora proposta, dentro dos padrões das classes mais pobres do Rio de Janeiro. Em troca de seu amor ele oferece: "um boteco, um barraco no mórro de Mangueira", com "telhado de zinco e assoalho no chão" - e, de quebra, a honraria de "rainha da escola de samba". Realmente, por tudo isso e mais uma ameaça velada ("Tu tens que ser minha de qualquer maneira"), a Escurinha não deve ter oferecido maior resistência, a exemplo das próprias conquistas do compositor, galã de muitas aventuras;

- provavelmente autobiográfica é também a saga do Escurinho. Valente, brigão (sempre), provocador (às vezes), Geraldo costumava se envolver em situações idênticas às retratadas nesse samba. Sua estrutura, cheia de síncopas, é muito adequada para descrever o sobe-e-desce do protagonista nos morros da cidade, "derrubando o tabuleiro da baiana, batendo num bamba e carregando a mulher do Zé Pretinho".

Escurinha foi lançado pelo autor em 1952 e *Escurinho*, seu segundo maior sucesso, por Ciro Monteiro, em 1955, tendo ainda gravações de Dolores Duran, Dilermando Pinheiro, Clementina de Jesus, Roberto Paiva, Roberto Silva, Elza Soares, Nora Ney, Chico Buarque e outros

5. No bloco 4 estão dois sambas dedicados a Isabel, grande paixão do compositor. - *Minha companheira* homenageia uma "mulher fiel" que "não mente, não é fingida" e ainda alerta o companheiro ao pressentir possíveis traições: "Meu benzinho, fulano vive contigo, mas abre o olho, que ele não é teu amigo";

- ao contrário, *Liberta meu coração* pinta uma Isabel completamente diferente. Aqui ela é "a pecadora" - que escravizou o sambista e a quem, numa analogia à Redentora, ele implora: "Liberta meu coração, Isabel!"

Composto antes de *Liberta meu coração*, gravado em 1948 por Abílio Lessa, *Minha*

companheira seria lançado somente em 1949 por Roberto Silva.

6. O bloco 5 mostra quatro sucessos:

- em *Você está sumindo* o sambista procura convencer a amada a voltar, chamando-lhe a atenção para a decadência que lhe provoca seu abandono. Sozinho, desprezado, ele ainda tem que suportar a gozação dos amigos: "Você está acabado, chi! Você está sumindo..."

- *Bolinha de papel* é um samba buliçoso, leve como a imagem que lhe serve de título. De certa maneira, antecipa algumas características adotadas pelo movimento Bossa Nova. Não por acaso, seria redescoberto por João Gilberto em 1961, transformando-se num dos clássicos do movimento;

- segundo Fransico Duarte - biógrafo do compositor - *Pisei num despacho* também é baseado em fato real: "Geraldo surrara um malandro, conhecido como Cabo Verde, numa briga por causa de Isabel. Em represália, fizeram-lhe um despacho que ele goza na composição e até promete neutralizar com um banho de erva em Caxias";

- mesmo depois de reconhecido como autor de sucesso, Geraldo cedeu parceria a diversos, digamos, "financiadores", que nada tinham de compositores. Com *Acertei no milhar*, porém, aconteceu diferente. O samba é quase todo de Wilson Batista, tendo Geraldo entrado na co-autoria por sugestão de Moreira da Silva, para "trabalhar" a composição, ou seja, divulgá-la.

Acertei no milhar (1940), *Você está sumindo* (1943), *Bolinha de papel* (1945) e *Pisei num despacho* (1947) foram lançados, respectivamente, por Moreira da Silva, Ciro Monteiro, Anjos do Inferno e, outra vez, Ciro Monteiro.

7. O bloco 6 mostra situações ligadas à dança, bailes, gaffieiras, etc.;

- *Sem compromisso* reproduz uma cena de ciúme. O cavalheiro, vendo sua dama fazer par constante com um rival, adverte-a: "É bom acabar com isso para não haver bate-boca dentro do salão". Os amores sofridos servem de tema a muitas letras de Geraldo. A professora Dulcinéa Gomes realizou para a sua biografia um minucioso levantamento desses temas, o qual revela uma preponderância dos itens separação, abandono, tristeza, solidão, etc. Paradoxalmente, eles são cantados com certa dose de humor e em melodias alegres, quase todas no modo maior;

- *Acabou a sopa* é mais samba autobiográfico. Associada por alguns à Isabel a personagem despachada na letra com um seco "pode arrumar sua roupa" é, na verdade, inspirada na figura de uma outra mulher do compositor;

- em *Chegou a bonita* o sambista incita os companheiros de folia a se animarem ante a entrada em cena de um "pedaço de mulher" que se requebra em todas as direções... Nos versos finais, pronto para agir, ele indaga: "Cadê o moço dono dessa dona? Se num tá, eu vou me atracá";

- *Até hoje não voltou* conta a história de um cidadão que havia escolhido para companheira "uma mulher da roça", aparentemente imune às tentações da cidade. Em

uma semana, entretanto, a roceira "mandou esticar os cabelos, pintou as unhas dos pés" e, muito mal-agraçada, "foi dançar na gaffieira e até hoje não voltou", deixando indignado seu "benfeitor";

- *Resignação* é uma das raras composições criadas por Geraldo para intérpretes femininas. A heroína desse samba, tal como a fujona do anterior, é uma vítima do machismo da época (década de 40). Comporta-se, porém, de maneira diferente pois, ao descobrir o lenço do companheiro "manchado de carmim", contenta-se em esboçar um tímido protesto: "É preciso mudar de pensar porque a minha paciência pode se esgotar".

Sem compromisso (1944), *Chegou a bonita* (1948), e *Resignação* (1943) foram lançados, respectivamente, pelos Anjos do Inferno, Blecaute e Odete Amaral; *Acabou a sopa* (1940) e *Até hoje não voltou* (1944), por Ciro Monteiro.

8. Encerra o disco o bloco 7, com sambas de caráter social:

- Algumas letras de Geraldo fornecem indicações dos lugares por onde passou. Um exemplo é o samba *Bonde da piedade*, uma referência ao antigo 77 no qual viajava diariamente nos tempos em que morou para os lados de Piedade;

- por causa de um atraso de pagamento, Geraldo deixou de comprar uma fantasia de baiana desejada por Isabel. Em compensação, aproveitou o assunto para compor *O pagamento ainda não saiu*. "O seu Manoel citado na composição existiu realmente", explica Francisco Duarte. "Era proprietário de uma leiteria na rua Saião Lobato, na Mangueira e socorreu por várias vezes o autor em suas dificuldades financeiras".

- Geraldo Pereira não se interessava pelos acontecimentos políticos. Em 1951, porém, entusiasmou-se com o recém-empossado governo Vargas e resolveu externar em um samba suas esperanças no ministério que seria criado para o custo de vida. O Ministério da Economia não se concretizou, mas seu nome ficou registrado no título dessa composição, cuja letra descreve as agruras e esperanças de um favelado.

O pagamento ainda não saiu (1946) foi lançado por Jorge Veiga; *Ministério da Economia* (1951) e *Bonde da Piedade* (1945) foram gravados pelo autor.

Essa seleção é uma oportuna revisita à obra de Geraldo Pereira, que, talvez pelo seu caráter inovador, não foi suficientemente compreendida e valorizada na época em que apareceu.

Jairo Severiano

FICHA TÉCNICA ORIGINAL

Produção Fonográfica *Funarte/INM/Divisão de Música Popular*
Produção Artística *Orquestrações e Regência Rildo Hora*
Produção Executiva *Júlia Peregrino*
Pesquisa Musical *Francisco Duarte Silva/Ayrton Pisco*
Técnico de Som e Mixagem *Harley*
Auxiliar de Estúdio *Celso*
Gravação e Montagem *19 a 23 de dezembro de 1983*
Estúdio *Rancho Studio (Rio de Janeiro/Brasil)*
Equipamento *Studer A-80 (16 canais)*

MÚSICOS

Teclados e Piano Acústico *Helvius Vilela*
Contrabaixo *Luizão*
Violão *Artur Verocai*
Relejo *Rildo Hora*
Flauta *Franklin*
Trombone *Zeca do Trombone*
Bateria *João Cortez*
Pandeiro, Tamborim, Caixeta, Cuíca e Tan-tan *Ovidio*
Caixinha de Agulhas de Disco 78 rpm *Ubirany do Nascimento*
Voz *Pedrinho Rodrigues/Bebel Gilberto*

ATRAÇÃO FONOGRAFICA

Direção Artística *Wilson Souto Júnior*
Gerente de Produto *Edson Natale*
Masterização *Cia de Áudio*
Projeto Gráfico *Click Design Gráfico*
Arte Final *Maristela Gamba*
Charge *Franco*

Escreva para **Atração Fonográfica Ltda.** e solicite informações a respeito do nosso catálogo: Av São Gualter, 1941 - São Paulo, SP - 05455-002.
Tel (011) 813-6944 / Fax (011) 212-9707

ESTE CD FOI PRODUZIDO A PARTIR DE MATRIZES ORIGINAIS EM VINIL. PARA QUE FOSSE POSSÍVEL O RELANÇAMENTO EM CD HOUE UM MINUCIOSO PROCESSO DE RECUPERAÇÃO E DE REMASTERIZAÇÃO DIGITAL QUE SÓ FOI POSSÍVEL GRAÇAS AO EMPENHO DA CIA DE ÁUDIO. EVENTUAIS ALTERAÇÕES NA QUALIDADE DE SOM SÃO INERENTES AO EQUIPAMENTO E ÀS TÉCNICAS DE GRAVAÇÃO DA ÉPOCA.

- 01 Quando ela samba 4:47
(J. Portela/Geraldo Pereira) 67125603 - ADDAF
Falsa baiana
(Geraldo Pereira) 67125689 - ADDAF
Mais um milagre
(Geraldo Pereira) 67125832 - DR
- 02 Que samba bom 5:46
(Arnaldo Passos/Geraldo Pereira) 67125751 - ADDAF
Até quarta-feira
(Jorge de Castro/Geraldo Pereira) 67125670 - ADDAF
Boca não fecha (Geraldo Pereira)
67125500 - Atracão Fonográfica/ADDAF
Vai que depois eu vou
(Geraldo Pereira) 6712590795 - DR
- 03 Escurinha 4:20
(Arnaldo Passos/Geraldo Pereira) 67125664 - Fermata
Escurinha
(Geraldo Pereira) 67125811 - ADDAF
- 04 Minha companheira (mulher fiel) 4:35
(Geraldo Pereira) 66988462
ADDAF (Bandeirante)
Liberta meu coração
(José Batista/Geraldo Pereira) 67125921
Fermata
- 05 Você está sumindo 6:12
(Jorge de Castro/Geraldo Pereira) 67125999 - ADDAF
Bolinha de papel
(Geraldo Pereira) 67125913 - ADDAF/Euterpe
Pisei num despacho
(Elpídio dos Saitos/Geraldo Pereira) 67125700 - ADDAF
Acertei no milhar (Wilson Batista/Geraldo
Pereira) 67125620 - Mangione/ADDAF
- 06 Sem compromisso 6:40
(Nelson Trigueiro/Geraldo Pereira) 67126014 - Mangione/ADDAF
Acabou a sopa (Geraldo Pereira/Augusto Garcez)
67125930 - ADDAF
Chegou a bonitona (Geraldo Pereira/José
Batista) 67125778 - Copacur/ADDAF
Até hoje não voltou (J. Portela/Geraldo
Pereira) 67125697 - ADDAF
Resignação (Geraldo Pereira/Arno Provenzano)
67125859 - EMB/ADDAF
- 07 Bonde da piedade 6:33
(Ary Monteiro/Geraldo Pereira) 67125611 - DR
O pagamento ainda não saiu
(Geraldo Pereira/Ariel Nogueira) 67125840
Melodias Populares/ADDAF
Ministério da economia
(Geraldo Pereira/Arnaldo Passos) 67125760 - Copacur/ADDAF



Instituto Cultural Itaú



(011) 813-6944

MINISTÉRIO DA CULTURA

FUNARTE

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA



Fabricado na Zona Franca de Manaus por Videolar
Multimídia LTDA - C.G.C.: 22.797.096/0001-01 - Indústria
Brasileira, sob licença de Atracão Fonográfica LTDA -
C.G.C.: 07.752.046/0001-60. Fone (011) 813-6944.

